



Vladimir Carvalho falou ao Podcast do Correio sobre a importância de preservar a memória do cinema brasileiro

# "O Cinememória não pode se perder"

Convidado do Podcast do **Correio**, o premiado diretor de cinema Vladimir Carvalho destacou a importância de preservar as produções feitas na cidade e falou sobre a relação histórica entre a UnB e o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro



» CARLOS SILVA\*

A preservação do patrimônio do cinema de Brasília foi tema principal do Podcast do *Correio*, que recebeu o cineasta Vladimir Carvalho. Aos jornalistas José Carlos Vieira e Severino Francisco, o diretor comentou sobre a importância de preservar as produções feitas na capital do país e cobrou das autoridades um espaço para todo o acervo que está abrigado no Cinememória, criado e mantido por ele para preservar documentos, obras, prêmios e equipamentos de toda uma trajetória.

Um dos maiores nomes do cinema nacional, Vladimir completa 88 anos na próxima terça-feira. Ele será homenageado com a exibição, no Cine Brasília,

Vladimir também comentou sobre a importância da proteção do que é produzido no cinema nacional. Ele ressaltou o esforço que tem feito para guardar filmes e equipamentos que contam um pouco dessa história, mas sem apoio e incentivo institucional, a preservação dessa produção corre risco. "Oitenta e oito anos não são meses, nem dias. Quando fizer a viagem final, deixo isso como? Tenho meia tonelada de material naquela casa (Cinememória). É zero custo, é só pegar e levar o acervo", desabafa.

Além disso, o diretor lembrou de acervos brasileiros que foram adquiridos por outros países, justamente por

do documentário *O cinema segundo Vladimir Carvalho*, dirigido por Maria Maia, que conta a trajetória dele no cinema nacional. "É a única vez que o meu aniversário atrapalha o meu controle. Gosto muito desse filme. Conheço esse filme em tela pequena e me deu uma empolgação. Tenho 88 anos, só de Brasília são 52, vai ser uma satisfação assisti-lo na telona do Cine Brasília", afirmou. Entre os documentários dirigidos por Vladimir estão obras-primas como *Conterrâneos velho de guerra*, *O país de São Saruê*, *Homem de areia*, *Barra 68*, *Rock Brasília — Era de ouro e Cícero Dias — O compadre de Picasso*.

## A preservação da memória

fa l t a de apoio de instituições locais para preservá-los da maneira adequada. "O acervo de Lucio Costa — o homem que pensou, criou e desenhou, com Oscar Niemeyer, essa cidade — foi expulso para Portugal. Isso me preocupa noite e dia. Foi o filme mais difícil que eu já tive que filmar e ainda não teve um final", concluiu.

Para o diretor de cinema, uma das possíveis soluções passa pelo resgate da personalidade brasileira. "Temos que reconstruir a entidade nacional. Mário de Andrade não gostava da expressão identidade, porque ela é uma coisa fixa e imóvel. Somos uma entidade em progresso. Temos que construir, dia a dia nossa entidade, por meio da memória, inclusive", reforça.

## Cinema candango, cinema de luta

A trajetória do cineasta se mistura com a história da Universidade Brasília (UnB) e do Cine-Brasília. Vladimir ajudou a refundar as bases do que seria o curso de cinema da universidade, ao lado do diretor e fotógrafo Fernando Duarte, após o golpe militar de 1964. "Ficou eu e Fernando batendo cabeça para refazer esse curso. No primeiro vestibular em que fiquei aqui, fiz um filme chamado *Vestibular 70*, que foi premiado, como melhor filme, quase que imediatamente, no festival do *Jornal do Brasil*", relembra.

A conexão de Vladimir com Brasília tem a ver com o Festival de Brasília e com a UnB. Veio para o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro em 1969, com o filme *A bolandeira*. Não conhecia nada, desceu para a Rodoviária e viu poucas pessoas, achou que a cidade era fria. Reencontrou o fotógrafo Fernando Duarte, ardiso e sedutor, que lhe ofereceu um contrato de dois meses para ser professor da Universidade de Brasília. "Ele alegou que passava rápido. Quando voltei para o Rio, Fernando me ligou e disse que tinha um contrato definitivo. Vim e estou em Brasília há 52 anos."

O convite foi a oportunidade de retomar a experiência grandiosa e pioneira do primeiro curso de cinema de uma universidade brasileira, a partir do projeto concebido pelo crítico

Paulo Emílio Sales Gomes e de Nelson Pereira dos Santos: "Essa experiência só durou um ano e meio. Tentamos juntar as pedrinhas. Paulo Emílio era um gênio brasileiro. Descobri o cineasta francês Jean Vigo para os franceses. Conseguimos plantar a semente do cinema em Brasília".

O diretor também fala com apreço do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o qual, para ele, se destaca dos demais, por trazer, na origem, um caráter de luta contra o autoritarismo e a valorização da produção audiovisual nacional. "É excepcional no panorama da cultura brasileira, porque tem um compromisso quase que telúrico com a nacionalidade. Não é nacionalismo, é a afirmação da nossa personalidade", pontuou.

## Menos ódio, mais educação

Mas nem só de boas lembranças é feita Brasília. Carvalho também comentou sobre os atos golpistas do dia 8, cenas que, para ele, eram inimagináveis. "Nunca passou pela minha cabeça que, depois de ganhar uma eleição, aquele palácio estivesse desguarnecido. Assim como nunca entrou na minha cabeça a eleição do sujeito (Bolsonaro em 2019)", destaca.

Ele relata que, diante dos fatos, preferiu não filmar nada do que ocorreu, a fim de não dar destaque aos terroristas que participaram da depredação de prédios públicos na Praça dos Três Poderes. "Não vou filmar", disse a mim mesmo. Fazer isso seria tirar partido desses eventos. Não se pode tirar partido de uma coisa tão tenebrosa. Às vezes, a melhor foto é aquela que você não tira", relembrou.

De acordo com Vladimir, a resposta para essa onda de ódio vem em diversos pontos, que convergem em um só. "Temos que olhar para as novas gerações. Só tem um caminho, não é o único, pois muitos convergem para ele, mas é dar educação, desde a tenra idade. Pois, hoje, temos uma geração que não consegue discernir, nem entender a realidade", comenta.

## Encontros com Glauber Rocha

Glauber Rocha escreveu que Vladimir era o "Vertov das caatingas" e "Rossellini do sertão". Vladimir tem uma visão muito diferente da imagem de Glauber Rocha, como uma pessoa irascível e autocentrada. Lembra que, pouco depois da decretação do AI-5, em 1968, ele entrou na clandestinidade e, sem muito o que fazer, estavam na beira da praia. Vladimir deixou o sapato ser levado e trazido pelas ondas do mar. Glauber observava tudo atento e tenso. E, de repente, advertiu de que era melhor se precaver e não permitir que o sapato se perdesse: "Ele era um homem que não tinha espírito prático. Mas disse: 'Pegue o sapato, senão a onda leva e você não tem outro'. Eu estava na pior, agradei e calcei o sapato".

Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco



Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira a íntegra da entrevista.